

O LAI “YONEC”, DE MARIE DE FRANCE, EM PORTUGUÊS

MARIE DE FRANCE’S “YONEC”: A TRANSLATION INTO BRAZILIAN PORTUGUESE



Letícia Campos de RESENDE
Doutoranda
Universidade Federal de Minas Gerais
Faculdade de Letras
Programa de Pós-Graduação em Estudos Literários
Belo Horizonte, Minas Gerais, Brasil
<http://lattes.cnpq.br/8209085532254850>
<https://orcid.org/0000-0002-3278-6373>
let-resende@hotmail.com

Resumo: *Les lais* [Os lais], de Marie de France, são uma obra que data do século XII, escrita em francês antigo, totalizando doze curtas histórias — pertencentes ao gênero “lai” — que, inspiradas em contos da tradição oral, narram as aventuras de grandes cavaleiros. Assim, dentre as histórias contadas, algumas tratam de personagens já naquele tempo consagrados, como rei Artur e Tristão e Isolda, e outras trazem elementos que inspiram, mais tarde, a escrita de contos de fadas, como é o caso do lai “Yonec”, cuja tradução, em português brasileiro, apresento, de forma inédita, aqui. “Yonec” conta a história de Muldumarec, um cavaleiro que vive num mundo feérico, do qual também é rei, e que se apaixona por uma bela senhora, casada com um homem muito ciumento que a mantém presa numa torre. Depois de ouvir as preces da senhora por sua liberdade, Muldumarec, assumindo a forma de um falcão, vai visitá-la na prisão, e os dois, apaixonados, passam a se ver o tempo todo. É essa frequência que separa os dois amantes e causa o assassinato de Muldumarec, nas mãos do marido ciumento. Do amor entre o cavaleiro e a dama, nasce, contudo, um filho, Yonec, que, depois de crescido e uma vez tornado cavaleiro, vinga a morte do pai e da mãe, matando quem os havia separado.

Palavras-chave: *Les lais*. “Yonec”. Marie de France. Literatura medieval. Tradução literária.

Abstract: *Written in the 12th century*, The Lais of Marie de France are a compilation of twelve tales — the titular “lai” — inspired by oral tradition. Each lai narrates the great adventures of brave knights. Among the stories told, old favorites of the chivalric genre, such as King Arthur, as well as Tristan and Iseult, make an appearance. With a close proximity to what would later become known as “fairy tales” — such is the case of “Yonec”, which we have translated into Brazilian Portuguese for the first time —, the lais can also be read as a significant part of medieval history. In “Yonec”, specifically, we are told the story of Muldumarec, not only a knight, but the king of an enchanted world. Muldumarec falls in love with a beautiful, though unhappy, young woman. She, who remains nameless throughout the story, is married to a very jealous old man who keeps her prisoner in a tower. Hearing her pleas for freedom, Muldumarec pays her a visit, disguised as a falcon, and the two start to see each other daily. The lady’s constant desire for her lover is also responsible for their downfall. The husband eventually catches the lovers and kills Muldumarec. After that, the lady gives birth to an illegitimate son, Yonec, raised however by her husband. When Yonec, also a knight, finds out the truth about his parentage, he murders his stepfather, avenging both his parents’ deaths.

Keywords: The Lais of Marie de France. “Yonec”. Medieval Literature. Literary Translation.



Este é um artigo em acesso aberto distribuído nos termos da Licença Creative Commons Atribuição que permite o uso irrestrito, a distribuição e reprodução em qualquer meio desde que o artigo original seja devidamente citado.

This is an Open Access article distributed under the terms of the Creative Commons Attribution License, which permits unrestricted use, distribution, and reproduction in any medium, provided the original article is properly cited.

Les lais, ou, em português, *Os lais*, são uma obra que reúne doze curtas histórias — os chamados “lais”, de cuja temática tratarei mais adiante — e um prólogo, escrito no mesmo estilo dos textos que o sucedem. Quem escreve essa obra se apresenta no terceiro verso do lai de abertura, intitulado “Guigemar”: “Ouça, senhor, o que diz Marie, / que, no tempo dela, não é esquecida”¹ (France, 1900[1160–1178], p. 5). Essa Marie, que se dirige a um senhor, o rei a que são dedicados os lais, possivelmente Henrique II de Inglaterra, da dinastia Plantageneta, reivindica para si a importância perante outros nomes de sua época — uma importância que lhe permite ser lembrada e, de certa forma, eternizada na e por sua própria obra. Por essa mesma via, isto é, pelo registro na forma escrita, que lhe permite ser lembrada, Marie faz com que as aventuras contadas tampouco sejam esquecidas. Em outra de suas obras, intitulada *L’Espurgatoire Saint Patrice*, lê-se: “Eu, Marie, pus na memória / o livro do Expurgatório, / [escrito] em romance; que ele seja compreensível / para as pessoas, e conveniente”² (como citado em Harf-Lancner, 1998, s.p.). Esse trecho, embora não trate especificamente do tipo de texto cuja tradução apresentarei a seguir, pode nos ajudar a entender duas características fundamentais dos lais: (i) eles são escritos numa língua românica — nesse caso, o francês antigo —, e não em latim, justamente para facilitar a disseminação das histórias entre “as gentes” (“*laie gent*”); e (ii) têm o objetivo de preservar na memória — evitar o esquecimento — de aventuras maravilhosas já conhecidas por muitos, graças à tradição de contação de histórias no registro oral. Desse modo, para que essas aventuras não se percam, Marie de France as escreve. E, ao escrevê-las, acaba fixando-as de alguma forma, impedindo as modificações tão comuns quando se narra uma história oralmente.

Em termos de temática, todos os doze lais narram histórias de aventura — não quaisquer aventuras, apenas as dignas de serem recontadas, passadas adiante e eternizadas —, combinadas, ou frequentemente imbricadas, a histórias de amor. Assim, mais uma vez em “Guigemar”, o herói que dá título ao lai parte numa aventura em busca de um amor. Em “Yonec”, a aventura também é motivada por questões amorosas: o cavaleiro que se arrisca indo visitar a amada; a dama que entra num mundo feérico, o reino mágico do cavaleiro que ela ama; e finalmente o enteado que mata o padrasto (ou o filho que mata o pai?) por amor filial à mãe. Ao mesmo tempo, podemos pensar no amor que, em “Yonec”, move o marido a trancar a esposa numa torre por ciúmes. A questão se torna assim, para cada tipo de amor representado em diferentes lais ou num mesmo lai: como esse sentimento se manifesta? Em outras palavras: o que diferencia (e como surge) o amor que o marido sente pela mulher do amor que a mulher sente pelo amante? É isso que determinará o tratamento dado não apenas ao amor em si, mas

aos personagens que o sentem. Como vemos, não só em “Yonec” mas em todos os demais lais, “o amor é aprovado quando é de alta qualidade e condenado quando não é mais do que concupiscência ou amor egoísta”³ (Mickel Jr., 2015[1971], pp. 42–43). Desse modo, ainda que em “Yonec” seja abordado o tema do adultério, este não é reprovado pela voz narradora — que tampouco espera que seus leitores/ouvintes o reprovem —, já que, desde o início, são muito bem diferenciadas a maldade resultante do amor destrutivo do marido e a nobreza (em todos os sentidos da palavra) do amor entre Muldumarec e a dama. Esse amor tão nobre, contudo, não está livre de sofrimento, sobretudo, porque é culpado da “desmedida” que põe em risco qualquer amor, até o mais elevado: “‘Se’, diz ele, ‘me quiser ver, / tal vontade vou conceder. / Mas *meçamos* nosso desejo, / ou nossa ruína prevejo”⁴ (France, 1900[1160–1178], p. 131, grifo nosso). Podemos constatar, assim, que o amor representado nos lais, mais do que um sentimento natural, consiste num modelo de conduta para quem o vivencia — os personagens da história — e para quem o lê, confirmando a função exemplar assumida por textos do gênero aqui analisado.

Se há temas e tipos de personagens que se repetem em todos os lais (dentre os quais, para citar apenas alguns: o amor; elementos feéricos e sobrenaturais; protagonistas cavaleiros; a mulher “mal casada” etc.), o que faz o lai de Yonec se sobressair em relação aos demais, e por que o escolher como objeto de tradução? Essa escolha se faz por certas características do próprio lai e pela ressonância de sua história em contos posteriores. Começemos por este segundo motivo. Com efeito, como já apontado aqui antes, é significativa a ligação entre os lais e os ditos “contos populares” da tradição oral, de origens obscuras e quase impossíveis de serem rastreadas. Estes contos, contudo, ao contrário dos lais, narram frequentemente aspectos da vida social camponesa — uma vida de miséria, fome e escassez —, em contraponto à vida dos senhores detentores da terra (Darnton, 1999[1986]). Desses contos populares, reinventados, reescritos e refuncionalizados, surgem também os contos de fadas que hoje dão fama a autores como Charles Perrault. “Yonec”, em particular, inspira um conto de fadas importante, “*L’Oiseau bleu*” [“O pássaro azul”], escrito pela contemporânea de Perrault, frequentadora dos grandes salões da França do século XVIII, e grande crítica da corte francesa dessa mesma época, Madame d’Aulnoy. Nesse conto, deparamo-nos com a figura do “príncipe encantado”, muito similar à figura de Muldumarec, que, na forma de pássaro, visita sua amada.

No que concerne aos aspectos de “Yonec” que o distinguem, temática e estruturalmente, dos demais lais, chamo atenção, em primeiro lugar, para o próprio título do texto. Em geral, os lais de Marie de France trazem no título o nome do herói cavaleiro: é o que

ocorre com o supracitado “Guigemar”, com “Lanval”, “Éliduc”, e até com os lais “Équitan”, nome de um cavaleiro punido por seu amor lascivo, e “Bisclavret”, palavra bretã para “lobisomen”, que designa o protagonista do conto. Mais raro é o lai que recebe o nome de um elemento importante no interior da história, como é o caso do lai “*Chèvrefeuille*” [“*Chievrefueil*”], ou lai “Madressilva”, que fala do amor de Tristão e Isolda. Em “Yonec”, como na maioria dos casos, respeita-se a convenção de nomear o lai com o nome de um cavaleiro. No entanto, tratando-se de uma história em que figuram dois cavaleiros proeminentes, é curiosa a escolha do personagem que dá nome ao lai. Afinal, se os títulos costumam levar o nome do protagonista, por que não intitular o lai “Muldumarec”, em vez de “Yonec”? Pode-se argumentar que o primeiro é o verdadeiro protagonista da história, não apenas porque figura num maior número de cenas e tem mais falas (Yonec, por exemplo, só aparece no final, enquadrado sempre pela voz narradora, e nunca falando por si mesmo), mas porque toda a história gira a seu redor. Se tomarmos dois momentos de grande tensão na história, que funcionam de forma simétrica, quase como se um fosse o duplo do outro — a morte de Muldumarec nas mãos do senhor e a morte do senhor nas mãos de Yonec —, o segundo parece mais anti-climático, comparado ao primeiro, embora seja ele o clímax do lai. Ora, é justamente quando Yonec mata o pai/padrasto, para vingar a morte da mãe, que sua valentia e proeza, características mais importantes de um cavaleiro, nos são provadas — antes tínhamos apenas ouvido falar delas —, não obstante, numa cena muito rápida e pouco dramática. Apesar dessa aparente pouca importância, é Yonec que os antigos súditos de Muldumarec coroam rei ao final da história. É ele, portanto, que dá continuidade à linhagem paterna, mantendo, portanto, o *status quo* e tornando-se o novo senhor das terras e do reino do cavaleiro assassinado. Nesse sentido, o lai “Yonec” nos concede um vislumbre importante da organização econômica e social daquele período.

Além disso, “Yonec” é único na forma como apresenta seu elemento feérico. Em muitos outros lais, de “Guigemar” a “Lanval”, um personagem sai da realidade e adentra um mundo fantástico para dar início à sua aventura. Assim, o cavaleiro que dá nome ao lai de abertura (“Guigemar”), incapaz e sem vontade de amar, tem que sair do mundo real, com o qual se encontra em dissonância, até reparar, num universo de fantasias, a falta que apresenta em relação a seus pares; da mesma forma, Lanval, cavaleiro da corte do rei Artur, por ser cobiçado pela rainha, é injustamente afastado do convívio social e, uma vez fora da realidade, é atraído por e para um mundo feérico, com a diferença de que, ao fim da história, resolvidos todos os problemas, ele não regressa ao mundo de que partira. Vemos, portanto, que duas são as

circunstâncias de inserção do fantástico nos lais: em primeiro lugar, aqueles que partem numa aventura e ingressam em outro universo são quase sempre homens (e, neste caso, invariavelmente cavaleiros); em segundo lugar, a manifestação do elemento feérico se dá como sintoma e/ou cura para uma situação de deslocamento do herói em relação à sociedade em que vive (Hodgson, 2020[1974]). Em outras palavras, o protagonista se sente ou se encontra deslocado [*déplacé*] no interior de uma ordem social, e, para resolver esse problema, parte numa aventura em outro mundo. Em “Yonec”, contudo, a introdução do feérico é distinta: não se trata do homem indo em busca do desconhecido e do fantástico, mas da mulher: é ela que se encontra isolada do convívio social e que sofre no mundo real. E, no entanto, o elemento fantástico não resolve o seu desajuste; ele, ao contrário, agrava-o: quando a senhora “mal casada” entra no reino encantado de Muldumarec, ela se depara, a princípio, com outros dois cavaleiros adormecidos (completando, com o amante, um total de três, número simbólico em contos de fadas), que, se, por um lado, chamam atenção para a singularidade do homem que ela ama — pois, assim que a dama descobre não serem eles os cavaleiros que procura, ela vai embora —, por outro, contradizem essa mesma singularidade: a mulher poderia ter os dois outros cavaleiros se assim desejasse (Hodgson, 2020[1974], p. 25). Para complicar ainda mais essa questão, o reino encantado do amado representa um risco de vida para a senhora, e dali ela tem que sair — e regressar à realidade — o mais rápido possível. Em “Yonec”, a manutenção do *status quo*, aludida no parágrafo acima, vem acompanhada, portanto, de uma volta ao mundo real.

Sob uma perspectiva tradutória, os lais são interessantes não apenas como objeto de tradução, mas como produto de tradução: eles são, assim como todas as outras obras de Marie de France, resultantes de traduções, seja do oral para o escrito, seja de uma língua para outra, como é o caso de *Fables*, que, conforme o título sugere, reúne fábulas retiradas de um *Ysopet* inglês (Harf-Lancner, 1998). No caso específico dos lais, temos poemas escritos a partir de contos orais, que entre um estágio e outro, assumem também forma musical: é comum que, ao fim de um lai, a voz narradora afirme que era ele narrado ao som da harpa, como o faz na última estrofe do já citado “Guigemar”: “Deste conto que ouviram / o lai de Guigemar foi tirado, / e contado ao som da harpa e da rota”⁵ (France, 1900[1160–1178], p. 40). No que concerne especificamente às bases da tradução abaixo apresentada, servi-me de três textos: o primeiro, disponível no site *Wikisource*, corresponde a uma versão do lai original, em francês antigo (tal como escrito por Marie de France, em versos octossilábicos), estabelecida em 1900 por Karl Warnke e Max Niemeyer; o segundo é uma tradução e adaptação (sem rimas e métrica) para o

francês contemporâneo, feita por Laurence Harf-Lancner; o terceiro é uma tradução em inglês, rimada e metrificada, feita por Judith P. Shoaf em 1993⁶. O produto que aqui apresento se situa, pois, nos limites entre uma tradução e uma retradução: uma tradução de um lai nunca antes traduzido para o português do Brasil; uma retradução de um texto repetidas vezes traduzido para outras línguas, e que se baseia em algumas dessas traduções anteriores e estrangeiras.

6

Yonec (texto de partida)	Yonec (texto de chegada)
<p><i>Puis que des lais ai comencié, ja n'iert pur nul travail laissié ; les aventures que jeo sai, tut par rime les cunterai. En pensé ai e en talant que d'Yonec vus die avant dunt il fu nez, e de sun pere cum il vint primes a sa mere. Cil ki engendra Yonec aveit a nun Muldumarec.</i></p>	<p>Se lais contei até aqui, em vão agora é desistir. Das aventuras que conheço, quando rimadas, não me esqueço. Venho pensando e, com talento, falar de Yonec é meu intento: como seu pai, antes de tê-lo, à sua mãe via com zelo. De quem chamam Muldumarec nasceu o cavaleiro Yonec.</p>
<p><i>En Bretagne maneit jadis uns riches huem, vielz e antis. De Caruënt fu avuëz e del païs sire clamez. La citez siet sur Duëlas ; jadis i ot de nes trespas. Mult fu trespassez en eage. Pur ceo qu'il ot bon heritage, femme prist pur enfanz aveir, ki après lui fussent si heir. De halte gent fu la pucele, sage e curteise e forment bele, ki al riche hume fu donee ; pur sa bealté l'a mult amee, Pur qu'en fereie altre parole ? Nen ot sun per desqu'a Nicole ne tresqu'en Yrlande de la. Grant pechié fist ki li dona. Pur ceo que ele ert bele e gente, en li garder mist mult s'entente. Dedenz sa tur l'a enserree en une grant chambre pavee. Il ot une sue serur, vieille ert e vedve, senz seignur ; ensemble od la dame l'a mise pur li tenir plus en justise. Altres femmes i ot, ceo crei, en une altre chambre par sei ;</i></p>	<p>Vivia outrora na Bretanha velho de fortuna tamanha que era de Caerwent senhor e desse país possessor. Por sobre o rio Duélas passavam navios lá atrás. É a idade que ora passa Pra quem da riqueza tem graça. Pois casa-se o senhor primeiro pra depois ter filhos, herdeiros. De boa Casa era a donzela, sábua, cortês, de forma bela, que foi ao rico homem dada e por sua beleza amada. Há algo mais a dizer dela? Daqui a Lincoln, a mais bela; nem na Irlanda há igual. Quem a casou fez grande mal: porque mui bonita e gentil, foi guardada de modo hostil. Numa torre o velho a trancou, num quarto de pedra a deixou aos cuidados de sua irmã, enviuada e anciã. Co' a velha é que a dama habitava, aquela a esta vigiava. Outras havia, creio eu, que o senhor num quarto escondeu;</p>

mes ja la dame n'i parlast,
 se la vieille nel comandast.
 Issi la tint plus de set anz
 (unques entre els n'oureur enfanz),
 ne fors de cele tur n'eissi
 ne pur parent ne pur ami.
 Quant li sire s'alot culchier,
 n'i ot chamberlenc ne huissier,
 ki en la chambre osast entrer
 ne devant lui cirge alumer.
 Mult ert la dame en grant tristur.
 Od lermes, od suspir e plur
 sa belté pert en tel mesure
 cume cele ki n'en a cure.
 De sei meisme mielz volsist
 que morz hastive la presist.

Ceo fu el meis d'avril entrant,
 quant cil oisel meinent lur chant.
 Li sire fu matin levez ;
 d'aler en bois s'est aturnez.
 La vieille a faite lever sus
 e après lui fermer les hus.
 Cele a sun comandement fet.
 En une altre chambre s'en vet ;
 en sa main portot sun psaltier,
 u ele voleit verseillier.
 La dame en plur e en esveil
 choisi la clarté del soleil.
 De la vieille est aparceüe
 que de la chambre esteit eissue.
 Mult se pleigneit e suspirot
 e en plurant se dementot. '
 'Lasse', fait ele, 'mar fui nee !
 Mult est dure ma destinee !
 En ceste tur sui en prisun,
 ja n'en istras se par mort nun.
 Cist vielz gelus de quei se crient,
 ki en si grant prisun me tient ?
 Mult par est fols e esbaiz,
 il crient estre tuz jurs traiz.
 Jeo ne puis al mustier venir
 ne le servise deu oïr.
 Se jo peüsse a gent parler
 e en deduit od lui aler,
 jo li mustrasse bel semblant,
 ja n'en eüsse jeo talant.
 Maleeit seient mi parent
 e li altre comunament,
 ki a cest gelus me donerent
 e de sun cors me marièrent !
 A forte corde trai e tir !

mas a dama a elas não via,
 sem ordem da sua vigia.
 Mas com sete anos passados
 (e sem quaisquer filhos gerados),
 continuava na prisão,
 sem ver pai, amigo ou irmão.
 Quando o senhor ia dormir,
 todos haviam de sair;
 interdito permanecer,
 nem pr'uma vela acender.
 Muita era a tristeza da dama.
 Quantas lágrimas não derrama;
 e assaz perde o que tem de belo,
 pois não mais se cuida com zelo.
 E por um só desejo implora:
 que a morte chegue sem demora.

E vinha o mês de abril entrando,
 e das aves se ouvia o canto.
 Bem cedo, após se levantar,
 o senhor foi logo caçar.
 Mandou que a irmã acordasse
 e a porta do quarto fechasse.
 Os comandos do irmão seguiu
 e pr'outro cômodo partiu;
 levava um saltério na mão,
 e do dia lia a lição.
 A dama, desperta e aos prantos,
 do sol observa os encantos.
 Percebe que a velha vigia
 já do quarto não mais se via.
 Lamentava-se e suspirava;
 lágrimas jorrando, exclamava:
 "Maldito o dia em que nasci!
 Tal destino não mereci!
 Ser desta torre prisioneira
 e aqui passar a vida inteira.
 Que teme o velho ciumento,
 p'ra me aprisionar com intento?
 Deve ser mui tolo e estúpido
 se tanto teme ser traído.
 Nem ao mosteiro posso ir
 p'ro serviço do dia ouvir.
 Se pudesse a alguém falar
 e mesmo a ele acompanhar,
 teria oxalá bom semblante,
 dissimulado não obstante.
 Malditos sejam os meus pais,
 e quaisquer outros que haja a mais,
 que ao ciumento me entregaram
 e ao casamento me forçaram!
 É firme a corda que me prende!

*Il ne purra ja mes murir ;
quant il dut estre baptizie, z,
si fu el flum d'enfern plungiez ;
dur sunt li nerf, dures les veines,
ki de vif sanc sunt tutes pleines.
Mult ai oï sovent cunter
que l'em suleit jadis
trover adventures en cest país,
ki rachatouent les pensis.
Chevalier trovoënt puceles
a lur talent, gentes e beles,
e dames truvoënt amanz
beals e curteis, pruz e vaillanz,
si que blasmées n'en esteient
ne nul fors eles nes veeient
Se ceo puet estre ne ceo fu,
se unc a nul est avenu,
deus, ki de tut a poësté,
il en face ma volenté ! '*

*Quant ele ot fait sa plainte issi,
l'umbre d'un grant oisel choisi
par mi une estreite fenestre.
Ele ne set que ceo puet estre.
En la chambre volant entra.
Giez ot es piez, ostur sembla ;
de cinc mues fu u de sis.
Il s'est devant la dame asis.
Quant il i ot un poi esté
e ele l'ot bien esguardé,
chevaliers bels e genz devint.
La dame a merveille le tint ;
li sans li remue e fremi,
grant poür ot, sun chief covri.
Mult fu curteis li chevaliers,
il l'en araisuna primiers.
'Dame', fet il, 'n'aiez poür,
gentil oisel a en ostur,
se li segrei vus sunt oscur,
Gardez que seiez a seür,
si faites de mei vostre ami !
Pur ceo', fet il, 'vinc jeo ici.
Jeo vus ai lungement amee
e en mun quer mult desiree ;
unkes femme fors vus n'amai
ne ja mes altre n'amerai.
Mes ne poeie a vus venir
ne fors de mun país eissir,
se vus ne m'eüssiez requis.
Or puis bien estre vostre amis ! '
La dame se raseüra ;
sun chief descovri, si parla.*

Do velho a vida 'inda se estende;
foi talvez, quando batizado,
no rio Estige mergulhado;
tem ele nervos de ferro e veias
que de sangue estão todas cheias.
Da boca de muitos ouvi
que outrora ocorriam aqui
grandes feitos maravilhosos
que animam até os morosos.
Cavaleiros viam donzelas
dos seus sonhos, gentis e belas;
senhoras achavam amantes
de muita proeza e brilhantes,
sem por isso serem culpadas;
visões só a elas reveladas.
Se tal aventura é real,
e há quem a viveu afinal,
Deus, que de tudo tem poder,
faça o meu voto acontecer!"

Tão logo pediu-Lhe esse amparo,
a sombra de um grande pássaro
recaiu sobre uma janela.
"Que é aquilo?", disse ela.
No quarto, entrou um ser alado:
um falcão com grilhões atado;
por seis mudas tinha passado
e ante a dama ficou parado.
Por longo tempo assim estava
— e a ele a senhora observava —
quando gentil-homem virou.
Trêmula, mover não ousou;
de medo a cabeça cobriu
assim que tal prodígio viu.
Era cortês o cavaleiro,
e à senhora acalmou primeiro:
"Minha dama, seu medo é vão,
pois ave dócil é o falcão.
Mesmo se lhe parece obscuro
este mistério, lhe asseguro:
meu desejo é ser seu amigo!
Por isso vim aqui, lhe digo.
É por mim há tempos amada
e imensamente desejada;
jamais amei ninguém outrora,
nem amarei; amo a senhora.
Mas m'era interdito sair
do meu país p'ra vir aqui,
sem que a senhora me chamasse.
Pois aqui estou eu em face
da minha amiga!". Mais feliz,
ela descobre o rosto e diz

*Le chevalier a respundu
e dit qu'ele en fera sun dru,
s'en deu creïst e issi fust
que lur amurs estre peüst.
Kar mult esteit de grant bealté ;
unkes nul jur de sen eé
si bel chevalier n'esguarda
ne ja mes si bel ne verra.
'Dame', fet il, 'vus dites bien !
Ne voldreie pur nule rien
que de mei i ait achaisun,
mescreance ne suspesçun.
Jeo crei mult bien al creatur,
ki nus geta de la tristur
u Adam nus mist, nostre pere,
par le mors de la pume amere ;
il est e iert e fu tuz jurs
vie e lumiere as pecheüirs.
Se vus de ceo ne me creez,
vostre chapelain demandez !
Dites que mals vus a suzprise,
si volez aveir le servise
que deus a el mund establi,
dunt li pecheüir sunt guari.
La semblance de vus prendrai :
le cors dame deu recevrai,
ma creance vus dirai tute.
Ja ne serez de ceo en dute !'
El li respunt que bien a dit.
De lez li s'est culchiez el lit ;
mes il ne volt a li tuchier
ne d'acoler ne de baisier.
A tant la vieille est repairiee.
La dame trova esveilliee,
dist li que tens est de lever,
ses dras li voleit apporter.
La dame dist qu'ele est malade ;
del chapelain se prenge garde,
Sil face tost a li venir,
kar grant poür a de murir.
La vieille dist : 'Or suferrez !
Mis sire en est el bois alez ;
nuls n'enterra ça enz fors mei.'
Mult fu la dame en grant esfrei ;
semblant fist qu'ele se pasma.
Cele le vit, mult s'esmaia.
L'us de la chambre a desfermé,
si a le prestre demandé ;
e cil i vint cum plus tost pot,
corpus domini aportot.
Li chevaliers l'a receü,
le vin del chalice a beü.
Li chapeleins s'en est alez,
e la vieille a les us fermez.*

ao cavaleiro do prazer
que sente em sua amante ser.
Se forem de Deus devedores,
serão possíveis seus amores.
Era o cavaleiro tão belo
que a dama de súbito ao vê-lo
pensou não haver outro igual,
nem nunca haverá afinal.
“Senhora”, diz ele, “é verdade!
Não tenho nenhuma vontade
de causar-lhe mal, perdição,
lançar sobre si suspeição.
O Criador, tenho certeza,
liberta todos da tristeza,
culpa de Adão, progenitor,
que provou do fruto o amargor;
Deus é e foi fonte de amores,
de vida e luz p'ros pecadores.
Se ainda não me acreditar,
basta-lhe ao padre perguntar!
Diga a ele que está doente,
que quer aliviar a mente
co' serviço de Cristo ao mundo,
que cura o pecado profundo.
Na dama vou me transformar,
e o corpo dEle comungar;
a senhora verá que imensa
e imutável é minha crença!”
Ao ouvi-lo, a dama aquiesceu.
Ele, ao seu lado, adormeceu,
sem contudo tentar tocá-la,
tampouco abraçá-la ou beijá-la.
Logo após, a velha voltou.
A dama, desperta, encontrou;
disse-lhe que se levantasse,
p'ra que seus lençóis retirasse.
A senhora disse estar mal:
que chamem-lhe um padre afinal,
e que aqui chegue mui rápido,
pois sente ela o peito oprimido.
Disse a velha: “Que sinta dor!
Partiu ao bosque o meu senhor;
Hoje aqui só entrarei eu”.
Que susto a velhota lhe deu;
a dama fingiu um desmaio.
Como se lhe caísse um raio,
a velha foi em disparada
em busca de um padre, assustada;
veio o padre, célere e listo,
tendo em mãos o corpo de Cristo.
O cavaleiro o recebeu,
do cálice o vinho bebeu.
Já é hora de o padre ir,
a velha também vai sair.

*La dame gist lez sun ami :
unkes si bel cuple ne vi.
Quant unt asez ris e jué
e de lur priveté parlé,
li chevaliers a cungié pris ;
raler s'en vult en sun país.
Ele le prie dulcement
quo il la reveie sovent.
'Dame', fet il, 'quant vus plaira,
ja l'ure ne trespasera.
Mes tel mesure en esgardenz,
que nus ne seiium encumbrez.
Ceste vieille nus traïra
e nuit e jur nus guaitera.
Ele parcevra nostre amur,
sil cuntera a sun seignur.
S'issi avient cum jeo vus di
e nus sumes issi traï,
ne m'en puis mie departir
que mei n'en estuece murir.'*

*Li chevaliers a tant s'en vait ;
a grant joie s'amie lait.
El demain lieve tute seine ;
mult fu haitiee la semeine.
Sun cors teneit en grant chierté :
tute recuevre sa bealté.
Or li plest plus a surjurner
qu'en nul altre deduit aler.
Sun ami vult suvent veir
e sa joie de lui aveir ;
des que sis sire s'en depart,
e nuit e jur e tost e tart
ele l'a tut a sun plaisir.
Or l'en duinst deus lunges joïr !
Pur la grant joie u ele fu,
que sovent puet veir sun dru,
esteit tuz sis semblanz changiez.
Sis sire esteit mult veziëz ;
en sun curage s'aparceit
qu'altrement ert qu'il ne suleit,
Mescreance a vers sa serur.
Il la met a raisun un jur
e dit que mult a grant merveille
que la dame si s'apareille ;
demanda li que ceo deveit.
La vieille dist qu'el ne saveit
(kar nuls ne pot parler a li
ne ele n'ot dru ne ami)
fors tant que sule remaneit
plus volentiers qu'el ne suleit ;*

A dama jaz junto co'amigo:
nunca se viu casal mais meigo.
Depois de rirem e brincarem,
e de segredos confessarem,
o cavaleiro vai embora;
de voltar ao país é hora.
Ela lhe roga docemente
que a visite frequentemente.
“Se”, diz ele, “me quiser ver,
tal vontade vou conceder.
Mas meçamos nosso desejo,
ou nossa ruína prevejo.
Essa velha a nós trairá,
noite e dia, vigiará.
Irá perceber nosso amor,
contá-lo-á ao seu senhor.
Se estes forem os ocorridos,
e se formos assim traídos,
só poderei enfim voar
p'ra minha vida, ai!, entregar”.

Com isso, o cavaleiro parte
e deixa a dama feliz destarte.
De manhã, ela acorda bem,
e o resto dos dias também.
Cheia de caridade, a dama
volta a ser bela, porque ama.
Ela ora prefere ficar
só, sem que a possam perturbar.
Quer sempre o amigo rever,
alegria voltar a ter;
tão logo o senhor vai embora,
todos os dias, sem demora,
ela volta a ter seu prazer.
Glória a Deus por a proteger!
Pelo grande gozo provado,
e por sempre ver seu amado,
seu corpo e semblante mudaram.
Mas perspicácia e atenção eram
fortes no homem com que casara,
que logo viu que ela mudara.
Na irmã, ele não mais cria
e indagou a velhota um dia:
não parecem maravilhosos
da senhora os trajes vistosos?
Por que ela tanto cambiava?
A irmã disse que ignorava
(pois se ninguém fala com ela,
nem amante tem a donzela),
mas havia uma coisa estranha:
sozinha ela não mais se assanha,

*de ceo s'esteit aparceüe.
Dunc l'a li sire respundue.
'Par fei', fet il, 'ceo quit jeo bien.
Or vus estuet faire une rien !
Al matin quant jeo ierc levez
e vus avrez les hus fermez,
faites semblant de fors eissir,
si la laissez sule gisir,
En un segrei liu vus estez
e si veez e esgardez,
que ceo puet estre e dunt ceo vient
ki en si grant joie la tient. '
De cel conseil sunt departi.
A las ! cum ierent mal bailli
cil que l'um vuelt si aguaitier
pur els traïr e engignier !*

*Tierz jur après, ceo oi cunter,
fet li sire semblant d'errer.
A sa femme a dit e cunté
que li reis l'a par brief mandé,
mes hastivement revendra.
De la chambre ist e l'us ferma.
Dunc s'esteit la vieille levee,
triers une cortine est alee ;
bien purra oïr e veeir
ceo qu'ele cuveite a saveir.
La dame jut, pas ne dormi,
kar mult desire sun ami.
Venuz i est, pas ne demure,
ne trespasse terme ne hure.
Ensemble funt joie mult grant
e par parole e par semblant,
des i que tens fu de lever,
kar dunc l'en estuveit aler.
Cele le vit, si l'esguarda,
coment il vint e il ala.
De ceo ot ele grant poiür
qu'ume le vit e puis ostur,
Quant li sire fu repairiez,
ki n'esteit guaires esluigniez,
cele li a dit e mustré
del chevalier la verité,
e il en est forment pensis.
Des engins faire fu hastis
a ocire le chevalier.
Broches de fer fist granz furgier
e acerer les chiés devant :
suz ciel n'a rasur plus trenchant.
Quant il les ot apareilliees
e de tutes parz enfurchiees,
sur la fenestre les a mises,*

diferente lhe pareceu.
A isso o senhor respondeu:
“Por Deus, minha irmã, está certa!
Preciso que fique em alerta:
de manhã, vou me levantar,
e você, a porta trancar.
Finja que está muito apressada
e a deixe sozinha deitada.
Escondida, fique espiando,
parada num canto, aguardando,
até chegar o ser que a deve
fazer sentir-se assim tão leve”.
Despediram-se, combinados.
Pobre casal de apaixonados!
Serão descobertos, que horror!,
pela velha e pelo senhor.

Três dias depois, me contaram,
o senhor e outros partiram.
Disseram que a mando do rei,
ou, ao menos, isso escutei.
Mas era tudo uma só trama,
ele estava enganando a dama.
Disse-lhe adeus e já saía,
deixando a velha de vigia.
Esta correu p'ra trás de um pano,
p'rao irmão delatar sem engano.
A dama, desperta, estava
deitada e co'amado sonhava.
Vem ele, alado, sem demora;
a dama já não via a hora.
Um faz o outro mui feliz,
é o que o rosto deles diz.
Mas tempo é de levantar,
p'ra longe o jovem vai voar.
Toda essa cena a velha viu,
como ele chegou e saiu.
A velha sentiu apreensão
vendo o homem virar falcão.
Há pouco o senhor retornara
— da soleira ele mal passara —,
e a ele a velha tudo contou:
como o jovem se transformou.
Ouvindo-a, ficou a pensar.
Com ferros, irá transpassar
o cavaleiro, p'ra matá-lo.
Forjam as armas seus vassalos.
Espetos de aço criados,
nunca houve mais afiados.
A armadilha aparelhada,
com todas as peças montadas,
ele a instala na janela

*bien serrees e bien asises,
par unt li chevaliers passot,
quant a la dame repairot.
Deus, qu'il ne set la traïsun
que apareillent li felun !*

*El demain a la matinee
li sire lieve a l'ajurnee
e dit qu'il vult aler chacier.
La vieille le vait cunveier ;
puis se reculche pur dormir,
kar ne poeit le jur choisir.
La dame veille, si atent
celui qu'ele eime leialment,
e dit qu'or purreit bien venir
e estre od li tut a leisir.
Si tost cum el l'ot demandé,
n'i a puis guaires demuré.
En la fenestre vint volant ;
mes les broches furent devant.
L'une le fiert par mi le cors,
li sans vermeilz en sailli fors.
Quant il se sent a mort nafrez,
desferre sei, enz est entrez.
Devant la dame el lit descent,
que tuit li drap furent sanglent.
Ele veit le sanc e la plaie,
mult anguissusement s'esmaie.
Il li a dit : 'Ma dulce amie,
pur vostre amour pert jeo la vie !
Bien le vus dis qu'en avendreit,
vostre semblanz nus ocireit'
Quant el l'oi, dunc chiet pasmee ;
tute fu morte une loëe.
Il la cunforte dulcement
e dit que duels n'i valt niënt.
De lui est enceinte d'enfant,
un fiz avra pruz e vaillant.
Icil la recunfortera ;
Yonec numer le fera.
Il vengera e lui e li,
il oscira sun enemi.
Il n'i puet dunc demurer mes,
kar sa plaie seignot adés.
A grant dolur s'en est partiz,
Ele le siut a mult halz criz.
Par une fenestre s'en ist ;
c'est merveille qu'el ne s'ocist,
kar bien aveit vint piez de halt
iloeu e ele prist le salt
Ele esteit nue en sa chemise.
A la trace del sanc s'est mise,*

dos aposentos da donzela;
quando o jovem voando entrar,
o senhor o vai capturar.
Céus, como é torpe a traição
planejada pelo vilão!

De manhã, ao alvorecer,
ele acorda antes da mulher;
diz aos outros que vai caçar.
A velha tem que levantar,
p'ra prepará-lo p'ra sair;
em seguida, volta a dormir.
Mas a dama está sim desperta,
aguardando o amigo, esperta;
como deseja que ele chegue
rápido, e que a ela aconchegue!
Tão logo ele ouve o seu desejo,
chega p'ra aproveitar o ensejo.
Pela janela, vem voando,
mas os ferros o vão furando.
Atingem fundo o coração;
o sangue jorra, vermelhão.
Sentindo a morte aproximar,
consegue os ferros arrancar.
Pousa sobre o leito da dama,
e, em seus lençóis, sangue derrama.
Ela vê a enorme ferida,
e como se sente sofrida!
Diz ele: “Minha doce amiga,
seu amor minha vida abriga!
Mas ele também hoje a mina;
não disse?, o desejo arruína”.
Ela o ouve e se desvanece;
parece morta, as mãos em prece.
Ele a conforta docemente;
diz que ela sofre inutilmente:
dele está esperando um filho,
dentre todos, o de mais brilho.
A criança a protegerá;
Yonec ela se chamará.
Vingará o nome dos pais,
matará o inimigo e mais!
Mas já é hora de partir;
quanto sangue!, vai sucumbir.
Longe, lá no alto, vai ele;
diz a dama: “Vou atrás dele”.
Ela escapa pela janela;
ai! quase despenca a donzela
de uma altura de vinte pés;
porém, nenhum barulho fez.
Ela está só de camisola;
segue o sangue como bússola,

<p><i>ki del chevalier decureit sur le chemin u ele esteit.</i></p> <p><i>Icel sentier erra e tint, des i qu'a une hoge vint. En cele hoge ot une entree, de cel sanc fu tute arusee ; ne pot niënt avant veir. Dunc quidot ele bien saveir que sis amis entrez i seit. Dedenz se met a grant espleit. El n'i trova nule clarté. Tant a le dreit chemin erré, que fors de la hoge est eissue e en un mult bel pre venue. Del sanc trova l'erbe moilliee, dunc s'est ele mult esmaiee. La trace en siut par mi le pre. Asez pres vit une cité. De mur fu close tut en tur. N'i ot maisun, sale ne tur ki ne parust tute d'argent. Mult sunt riche li mandement. Devers le burc sunt li mareis e les forez e li defeis. De l'altre part vers le dunjun curt une ewe tut envirun ; iloeec arivoënt les nes, plus i aveit de treis cenx tres. La porte a val fu desfermee ; la dame est en la vile entree tuz jurs après le sanc novel par mi le burc desqu'al chastel. Unkes nuls a li ne parla, n'ume ne femme n'i trova. El palais vient al pavement, de sanc le trueve tut sanglent. En une bele chambre entra ; un chevalier dormant trova. Nel cunut pas, si vet avant en une altre chambre plus grant. Un lit i trueve e niënt plus, un chevalier dormant desus ; ele s'en est ultre passee. En la tierce chambre est entree ; le lit sun ami a trové. Li pecol sunt d'or esmeré ; ne sai mie les dras preisier ; li cirgë e li chandelier, ki nuit e jur sunt alumé, valent tut l'or d'une cité. Si tost cum ele l'a veü,</i></p>	<p>sangue que derramou o jovem enquanto ele voava além.</p> <p>Pelo caminho, foi andando até o pé de um monte, parando. Nele, oculta, tem uma entrada, a qual se vê toda marcada de sangue; nada mais visível. que ele entrou aí é possível. Ela também vai pela entrada. Lá dentro, se sente assustada. Está tudo na escuridão. Errou por muito tempo em vão, até sair do monte e entrar num prado bonito e solar. Também aqui havia sangue. De tanto andar, estava exangue, mas persistiu, seguindo o rastro. Adiante, em volta de mastros, havia uma cidade, sem nenhuma casa ou torre, além de edifícios de prata feitos. De onde vem lugar tão perfeito? Há lagoas por toda parte; florestas que parecem arte. Lá do outro lado do castelo, corre um rio — mas como é belo! — com embarcações atracadas, centenas de velas içadas. A senhora cruza os portões da cidade; vê as marcações de sangue, ainda tão brilhantes, que vão do burgo até o mirante. Ninguém com ela conversou; nenhuma alma viva avistou. Entra no pátio do palácio, há sangue no chão do edifício. Dali vai p'ra outro aposento, onde há um homem sonolento. Não reconheceu o senhor. Foi pr'um outro quarto, maior. E viu sobre um leito, estendido, um cavaleiro adormecido; novamente, ela foi embora. No terceiro, entrou sem demora: ali estava seu amigo num leito d'ouro, mui antigo. Não sei o valor dos lençóis; nem dos claros lustres — qual sóis — que, noite e dia alumeados, valem o ouro de um principado. Ela o viu, mas esmoreceu,</p>
---	---

*le chevalier a cuneü.
 Avant ala tute esfreee ;
 par desus lui cheï pasmee.
 Cil la receit ki forment l'aime,
 maleürus sovent se claime.
 Quant del pasmer fu respassee,
 il l'a dulcément cunfortee.
 'Bele amie, pur deu vus pri,
 alez vus en ! Fuiez de ci !
 Sempres murrai en mi le jur ;
 ça enz avra si grant dolur,
 se vus i esteiez trovee,
 mult en seriëz turmentee ;
 bien iert entre ma gent seü
 qu'il m'unt pur vostre amur perdu.
 Pur vus sui dolenz e pensis !'
 La dame li a dit : 'Amis,
 mielz vueil ensemble od vus murir
 qu'od mun seignur peine sufrir !
 S'a lui revois, il m'ocira.'
 Li chevaliers l'aseüira.
 Un anelet li a baillié,
 si li a dit e enseignié,
 ja, tant cum el le guardera,
 a sun seignur n'en memberra
 de nule rien ki faite seit,
 ne ne l'en tendra en destreit.
 S'espee li cumande e rent ;
 puis la cunjure e li defent
 que ja nuls huem n'en seit saisiz,
 mes bien la quart a oés sun fîz.
 Quant il sera creüz e granz
 e chevaliers pruz e vaillanz,
 a une feste u ele irra
 sun seignur e lui amerra.
 En une abeïe vendrunt ;
 par une tumbre qu'il verrunt
 orrunt renover sa mort
 e cum il fu ocis a tort.
 Iluec li baillera l'espee.
 L'aventure li seit cuntee
 cum il fu nez, ki l'engendra ;
 asez verrunt qu'il en fera.
 Quant tut li a dit e mustré,
 un chier blialt li a doné ;
 si li cumanda a vestir.
 Puis l'a faite de lui partir.
 Ele s'en vet : l'anel en porte
 e l'espee ki la cunforte,
 A l'eissue de la cité
 n'ot pas demie liwe alé,
 quant ele oï les seins suner
 e le doel el chastel lever
 pur lur seignur ki se moreit.*

reconhecendo-o como seu.
 Foi até o leito, assustada;
 caiu sobre ele, atormentada.
 O jovem estende-lhe os braços;
 lamenta do mal o embaraço.
 Quando passa dela o torpor,
 ele a reconforta co' amor:
 "Dama, faça-me esta promessa:
 que vai daqui fugir depressa!
 Nascendo o dia, vou morrer;
 os que aqui vivem vão sofrer,
 e se no meu quarto a encontrarem,
 vão capturá-la, p'ra a matarem;
 entre minha gente é sabido
 que a senhora me tem perdido;
 Que por si morrerei de dor!".
 Responde a dama: "Meu amor,
 prefiro consigo morrer
 a voltar p'ra casa e sofrer!
 Meu marido vai me matar".
 Mas o amado a pode salvar:
 oferece um anel à dama;
 que ela o guarde se ao jovem ama.
 Nada o marido vai lembrar,
 enquanto ela no dedo o usar.
 Ela diz que o trará consigo.
 Não para por aí o amigo:
 dá-lhe de presente uma espada,
 que jamais poderá ser dada
 a outro homem, nem empunhada;
 p'ro filho dos dois, reservada.
 Depois que ele tiver crescido,
 e muitas proezas cumprido,
 a dama irá a um festival
 co' filho e o marido, seu mal.
 A uma abadia chegarão,
 onde um túmulo avistarão.
 Ali alguém revelará
 a trama passada. Dará
 a senhora a Yonec a espada.
 Ouvindo ser-lhe anunciado
 quem é seu verdadeiro pai,
 veremos daí o que sai.
 Depois de confortar-lhe a mente,
 dá-lhe este terceiro presente:
 um vestido, que a manda pôr
 p'ra retornar ao seu senhor.
 Ela parte: co' anel no dedo;
 a espada manda embora o medo.
 Saindo da cidade, bela,
 antes de andar meia légua, ela
 ouve os sinos a badalar
 e vozes de lá a gritar,
 lamentando trágica morte.

*Ele set bien que morz esteit ;
de la dolur que ele en a
quatre fiëes se pasma.
E quant de pasmeisuns revint,
vers la hoge sa veie tint.
Dedenz entra, ultre est passee,
si s'en revait en sa cuntree.
Ensemblement od sun seignur
demura meint di e meint jur,
ki de cel fet ne la reta
ne ne mesdist ne ne gaba.*

*Sis fiz fu nez e bien nurriz
e bien gardeez e bien cheriz.
Yonec le firent numer.
El regne ne pot um trover
si bel, si pru ne si vaillant,
si large ne si despendant.
Quant il fu venuz en eé,
a chevalier l'unt adubé.
En l'an meïsmes que ceo fu,
oëz cument est avenu !
A la feste seint Aaron,
qu'on celebrot a Karlion
e en plusurs altres citez,
li sire aveit esté mandez,
qu'il i alast od ses amis
a la custume del païs ;
sa femme e sun fiz i menast
e richement s'apareillast.
Issi avint, alé i sunt.
Mes il ne sevent u il vunt ;
ensemble od els ot un meschin,
kis a menez le dreit chemin,
tant qu'il vindrent a un chastel ;
en tut le siecle n'ot plus bel.
Une abeïe aveit dedenz
de mult religiüses genz.
Li vaslez les i herberja,
ki a la feste les mena.
En la chambre ki fu l'abé
bien sunt servi e honoré.
El demain vunt la messe oïr ;
puis s'en voleient departir.
Li abes vet a els parler ;
mult les prie de surjurner,
si lur musterra sun dortur,
sun chapitre e sun refeitur ;
e cum il sunt bien herbergié,
li sire lur a otrié.*

Sabe ela de quem é a má sorte;
sente dor e se desvanece
quatro vezes, mas não padece.
Ela volta a si; vai em frente,
retorna ao monte de repente.
Entra ali, passa p'ro outro lado;
saiu por onde havia entrado.
Junto com seu senhor passou
dia e noite, e não escutou
dele quaisquer acusações,
insultos, insinuações.

O filho deles, bem nutrido,
foi cuidado e muito querido.
Yonec é o nome que escolheram.
No reino em que nasceu, não eram
outros jovens mais belos que ele,
nem valorosos. Quando dele
chegou a idade, foi armado
cavaleiro, muito louvado.
Naquele mesmo ano, porém,
ouçam os fatos que advêm!
Já é dia de Santo Aarão.
Em Gales há celebração —
e também em outros locais.
O pai de Yonec, com outros mais,
p'ra Caerleon foi mandado
pelo rei, como combinado.
Levou junto a mulher e o filho,
e se vestiu com muito brilho.
É hora de ir, e eles vão:
mas não sabem a direção.
Os vai guiando um homenzinho,
que conhece bem o caminho.
Chegam enfim a um castelo:
dentre todos, não há mais belo.
Ele abrigava uma abadia,
onde peregrinos havia.
O homenzinho que a eles guia
arranja quartos p'ra estadia.
No aposento do próprio abade,
eles se servem à vontade.
De manhã, vão a missa ouvir;
depois, se aprontam p'ra partir.
O abade tem algo a dizer:
pede-lhes p'ra permanecer;
falta-lhes ver o dormitório,
o capítulo, o refeitório.
E como já é quase noite,
o senhor aceita o convite.

Mais tarde, depois de jantar,

*Le jur quant il orent digné,
 as officines sunt alé.
 El chapitre vindrent avant.
 Une tumbe troverent grant,
 coverte d'un paile roé,
 d'un chier or freis par mi bendé.
 Al chief, as piez e as costez
 aveit vint cirges alumez.
 D'or fin erent li chandelier,
 d'ametiste li encensier,
 dunt il encensouent le jur
 cele tumbe par grant honur.
 Il unt demandé e enquis
 a cels ki erent del país
 de la tumbe qui ele esteit,
 e quels huem fu ki la giseit.
 Cil comencierent a plurer
 e en plurant a recunter,
 que c'ert li mielldre chevaliers
 e li plus forz e li plus fiers,
 li plus beals e li plus amez
 ki ja mes seit el siecle nez.
 'De ceste terre ot esté reis ;
 unques ne fu nuls si curteis.
 A Caruënt fu entrepris,
 pur l'amur d'une dame ocis.
 Unques puis n'eümes seignur,
 ainz avum atendu meint jur
 un fiz qu'en la dame engendra,
 si cum il dist e cumanda,'
 Quant la dame oï la novele,
 a halte voiz sun fiz apele.
 'Beals fiz', fet ele, 'avez oï
 cum deus nus a amenez ci !
 C'est vostre pere ki ci gist,
 que cist villarz a tort ocist.
 Or vus comant e rent s'espee ;
 jeo l'ai aseiz lung tens gardeé.'
 Oianz tuz li a coneü
 qu'il l'engendra e sis fiz fu,
 cum il suleit venir a li,
 e cum sis sire le traï ;
 l'aventure li a cuntee.
 Sur la tumbe cheï pasmee ;
 en la pasmeisun devia :
 unc puis a hume ne parla.
 Quant sis fiz veit que morte fu,
 sun parastre a le chief tolu.
 De l'espee ki fu sun pere
 a dunc vengié lui e sa mere.
 Puis que si fu dunc avenu
 e par la cité fu seü,
 a grant honur la dame unt prise*

foram pela abadia andar.
 Vão ao salão do capítulo
 e deparam-se co' um túmulo,
 coberto co' um pano estampado
 de rodas, e de ouro bordado.
 Em volta dele, dos dois lados,
 dez castiçais iluminados.
 Eram eles de ouro maciço.
 Os viajantes viram tudo isso,
 além de vasos de ametista
 que maravilhavam a vista.
 Curiosos, saber queriam
 dos que na abadia vivam
 quem estava ali enterrado;
 que homem era assim honrado.
 Começou o abade a chorar
 e, em meio aos prantos, a contar
 que ali jazia o melhor
 dos cavaleiros, grão senhor:
 o mais forte, belo e querido,
 neste século já nascido.
 “Ele foi rei deste país;
 mui cortês, como era feliz!
 Em Caerwent foi capturado,
 e, porque amou, assassinado.
 Desde então, não temos senhor;
 mas, nascido daquele amor,
 há um filho, cuja chegada
 aguardamos, tão ansiada”.
 Quando essa notícia escutou,
 a dama o seu filho chamou:
 “Belo filho”, disse ela, “olhe:
 Deus aqui nos trouxe e recolhe!
 É seu pai o homem que aí jaz!
 Esse vilão tirou-me a paz
 ao matá-lo! Dou-lhe esta espada
 que foi dele, e tenho guardada”.
 Todos ouviram-na contar
 como o amigo vinha pelo ar
 visitá-la diariamente,
 até ser morto brutalmente.
 Tão logo a aventura contada,
 a dama caiu desmaiada.
 Mas do desmaio não voltou:
 com nenhum homem mais falou.
 Yonec não a vê respirar;
 vai o padrasto degolar.
 Co' a espada do pai, guardada,
 vingou sua mãe, arruinada.
 Na cidade, espalhou-se assim
 a história, contada enfim.
 Da dama o corpo resgatado
 foi pela gente muito honrado,
 e, ao lado do amigo, deitado.

<p><i>e el sarcu posee e mise de lez le cors de sun ami ; deus lur face bone merci ! Lur seignur firent d'Yonec, ainz que il partissent d'ilec.</i></p> <p><i>Cil ki ceste aventure oïrent lunc tens après un lai en firent, de la peine e de la dolur que cil sufrirent pur amur.</i></p>	<p>A Deus são todos obrigados! Yonec, rei, eles coroaram, e depois p'ra casa voltaram.</p> <p>Quem ouviu contar-se a história transformou-a em lai, e a memória de tanta pena e sofrimento livre está de esvanecimento.</p>
--	---

REFERÊNCIAS

- Darnton, R. (1999). *The Great Cat Massacre... And Other Episodes in French Cultural History*. Basic Books. (Obra originalmente publicada em 1986)
- France, M. de. (1998). *Les lais de Marie de France* (L. Harf-Lancner, Trad.). [Ebook]. Le livre de poche. (Obra originalmente publicada em 1160–1178)
- France, M. de. (1900). *Lais de Marie de France*. In Coleção Bibliotheca Normannica. (Obra originalmente publicada em 1160–1178) https://fr.wikisource.org/wiki/Lais_de_Marie_de_France
- Harf-Lancner, L. (1998). Introduction. In M. de France, *Les lais de Marie de France*. [Ebook]. Le livre de poche.
- Hodgson, F. (2020). Alienation and the Otherworld in Lanval, Yonec, and Guigemar. *Comitatus: A Journal of Medieval and Renaissance Studies*, 5(1), 19–31. (Obra originalmente publicada em 1974) <https://escholarship.org/uc/item/9qg8356d>
- Mickel Jr., E. J. (2015). A Reconsideration of the Lais of Marie de France. *Speculum*, 46(1), 39–65. (Obra originalmente publicada em 1971) <http://www.jstor.org/stable/2855088>

¹ “Oëz, seignur, que dit Marie, / ki en sun tens pas ne s’oblie”. Todas as traduções aqui apresentadas foram realizadas por mim.

² “Jo, Marie, ai mis en mémoire, / le livre de l’Espurgatoire, / en romanz, qu’il seit entendables / a laie gent e covenables”.

³ “. . . love is approved when it is of high quality and condemned when it is only concupiscence or selfish love”.

⁴ “‘Dame’, fet il, ‘quant vus plaira, / ja l’ure ne trespasera. / Mes tel mesure en esguardez, / que nus ne seium encumbrez”. Numa tradução mais presa à ordem do original, diferente da que apresento na tradução “oficial”: “‘Dama’, disse ele, ‘quando lhe aprouver, / não vou deixar uma hora passar. / Mas mantenha certa medida, / para que não sejamos descobertos”.

⁵ “De cest cunte qu’oï avez / fu Guigemar li lais troyez, / que hum dit en harpe e en rote”.

⁶ Disponível em: <https://people.clas.ufl.edu/jshoaf/files/yonec.pdf>